

TRILHOS DOS AÇORES



CORVO

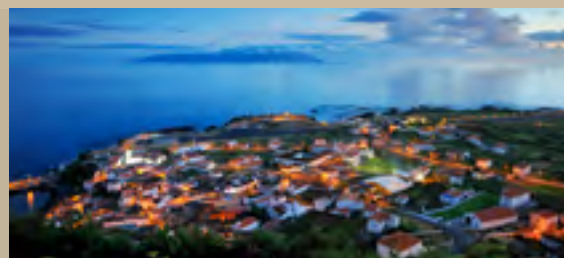
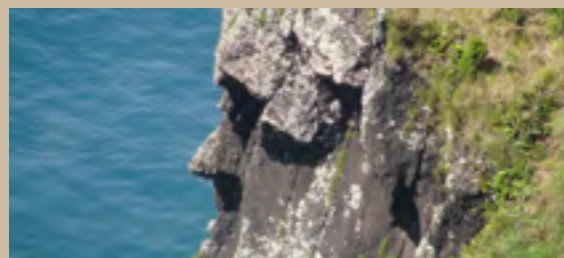


PR1 COR *Cara do Índio*

Dificuldade: Médio **Extensão:** 4,5 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Linear

Peça a alguém que o deixe na *Cova Vermelha*, local onde se inicia esta caminhada. À sua direita, lá no alto, está o topo da encosta sul do *Caldeirão*, o grande vulcão que formou esta ilha e, mais perto de si, a *Coroinha*, nome dado a esta cumeeira em forma de meia-lua que delimita o primeiro dos dois vales mais cavados da ilha, por onde irá passar.

Ao começar o percurso, sem esquecer de fechar a cancela atrás de si, desça a vereda que serve as pastagens à sua frente. O esbranquiçado dos muros de pedra, em contraste com a vegetação, aqui e ali ponteadas de junco, fazem curiosos desenhos. Teriam certamente uma das 3 finalidades que lhes são atribuídas nos Açores: dividir a propriedade, proteger o gado e as culturas agrícolas do vento, ou arrumar a pedra excedentária dos terrenos. Salta à vista, em particular, a inesperada forma circular de um desses muros a meio da encosta. (...)



TRILHOS DOS AÇORES



CORVO

PR1 COR

Cara do Índio

Dificuldade: Médio **Extensão:** 4,5 km **Duração:** 2:30h **Forma:** Linear



Início do trilho

39° 41' 6.26"N;
31° 6' 39.26"O



Geossítio



Elevação



Zona balnear



Ponto de interesse



Parque Natural do Corvo



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies

ALTITUDE (m)

PERFIL DO TERRENO



PRC1 COR *Cara do Índio*

Peça a alguém que o deixe na *Cova Vermelha*, local onde se inicia esta caminhada. À sua direita, lá no alto, está o topo da encosta sul do *Caldeirão*, o grande vulcão que formou esta ilha e, mais perto de si, a *Coroinha*, nome dado a esta cumeeira em forma de meia-lua que delimita o primeiro dos dois vales mais cavados da ilha, por onde irá passar.

Ao começar o percurso, sem esquecer de fechar a cancela atrás de si, desça a vereda que serve as pastagens à sua frente. O esbranquiçado dos muros de pedra, em contraste com a vegetação, aqui e ali ponteadas de junco, fazem curiosos desenhos. Teriam certamente uma das 3 finalidades que lhes são atribuídas nos Açores: dividir a propriedade, proteger o gado e as culturas agrícolas do vento, ou arrumar a pedra excedentária dos terrenos. Salta à vista, em particular, a inesperada forma circular de um desses muros a meio da encosta.

O que parecem ser montículos isolados de pedras mais não são que uns curiosos *poços de água*. Essas construções agrícolas, frequentes nas pastagens desta ilha mas sem paralelo nas demais, são pequenas covas com fundo em terra batida, a que são acrescentadas em redor algumas pedras não muito pequenas, toscamente aparelhadas. São eficientes para reter e armazenar a água da chuva, encaminhada até aqui em sulcos traçados no terreno. Outras pedras, ou lajes, dão alguma cobertura



e sombra a estes reservatórios, mantendo a água mais fresca e potável para consumo do gado.

Após uma descida inicial de 150 m a vereda curva à esquerda e continua por mais 150 m em terreno mais plano, até uma bifurcação. Siga pela direita até entrar numa pastagem. Continue acompanhando a parede que lhe fica à direita e não estranhe se encontrar a erva demasiado crescida. Salte para a pastagem seguinte e siga na mesma direção, deixando à esquerda uma pequena elevação com afloramentos rochosos.

Continue até chegar à falésia costeira onde se observa toda a costa norte da ilha das Flores, e onde está uma placa a indicar a “*Cara do Índio*”. Aí, olhe com atenção para baixo, em direção ao mar, e deverá conseguir perceber esta curiosa forma esculpida naturalmente na escarpa, que se assemelha ao perfil da cara de um índio. Continue a descer para a vila sempre junto à falésia.

O *Canto do Pão de Açúcar* (um recorte mais cavado na arriba) mostra um pequeno vale onde as cabras selvagens passeiam sobre as pedras nuas próximas do mar. Esta é a única ilha dos Açores onde não há coelhos selvagens. Em compensação, estimam-se em várias dezenas as cabras selvagens que habitam as falésias costeiras em redor de quase toda a ilha. Por vezes sobem as falésias até às pastagens, para logo depois se refugiarem nestes locais inóspitos.

Entra numa pastagem onde um arco natural em pedra desafia a gravidade. A monotonia da biodiversidade das pastagens contrasta com a das ravinas, onde cresce *Picconia azorica*, *Solidago sempervirens*, *Juniperus brevifolia* e muitas outras espécies.

Uns passos em frente e a *Vila do Corvo* revela-se aos nossos olhos. A sinalização do percurso fá-lo cruzar algumas pastagens, virando à sua esquerda sem descer demasiado, até encontrar a antiga vereda que dava acesso a estes terrenos mais altos do *Morro da Fonte*, e que terá agora de descer. Este local é um dos principais refúgios do *Juniperus brevifolia*, espécie que durante séculos foi sujeita ao abate devido à boa qualidade da sua madeira. Para além dos utensílios, alfaia e outros usos, tornou-se depois matéria-prima para artesanato.

Passa junto a uma rocha desgastada pelo Homem para servir de abrigo temporário a algum aguaceiro inesperado, e chega por fim à estrada, junto a uma captação de água. Suba 50 m até ao *Miradouro do Sítio do Portão* para ver e apreciar novamente a *Vila do Corvo*.

Com uma cintura litoral de arribas altíssimas em redor de quase toda a ilha, cercados no inverno por um mar frequentemente enfurecido, os corvinos ficavam, no passado, privados durante semanas do contacto



ARTESANATO E GASTRONOMIA

Do artesanato da ilha do Corvo faz parte: os bonés e boinas em lã típica, sendo a cor mais tradicional o azul-escuro com uma faixa em branco; os trabalhos em tear, com diversos artigos feitos em lã, memória de uma tradição de lanifícios quase perdida; os bordados e rendas. Merecem destaque as fechaduras típicas do Corvo, toda ela feita em madeira, incluindo as próprias chaves. As Couves da Barça, as Tortas de Erva do Calhau, o Molho de Fígado e as Couves Fritas são exemplos da gastronomia tradicional, mas que não terá facilidade em encontrar. O queijo, quando de fabrico artesanal, será algo a não perder.

PRC1 COR *Cara do Índio*

com o exterior. Apesar da realidade ultraperiférica de todas as ilhas dos Açores é aqui que se continua a sentir mais a *insularidade*. *Vila do Corvo* é o único povoado da ilha. Desenvolvido numa pequena plataforma de uma planura que contrasta fortemente com o resto da ilha, e que a prolonga para sul, tinha na segunda metade do séc. XIX mais de 850 moradores e hoje pouco mais de 400. Neste aglomerado de casas de dois pisos, onde por baixo se criava o porco, aconchegadas à encosta, umas sobre as outras, apenas com estreitas e tortuosas ruelas a dividi-las, a que chamam de *canadas* ou *canadinhas*, poucas são as que hoje mantêm as características da típica casa corvina. A telha regional dá origem à telha “*de fora*”, as paredes de pedra à vista estão agora rebocadas e caiadas, e desaparecem outros pormenores arquitetónicos sempre que se restaura ou se amplia alguma dessas casas. A parte mais antiga do povoado mantém ainda assim o aspeto nuclear que caracterizava a vila até há 50 anos atrás, agora mais diluído por um conjunto de novas construções que foi avançando para ocidente.

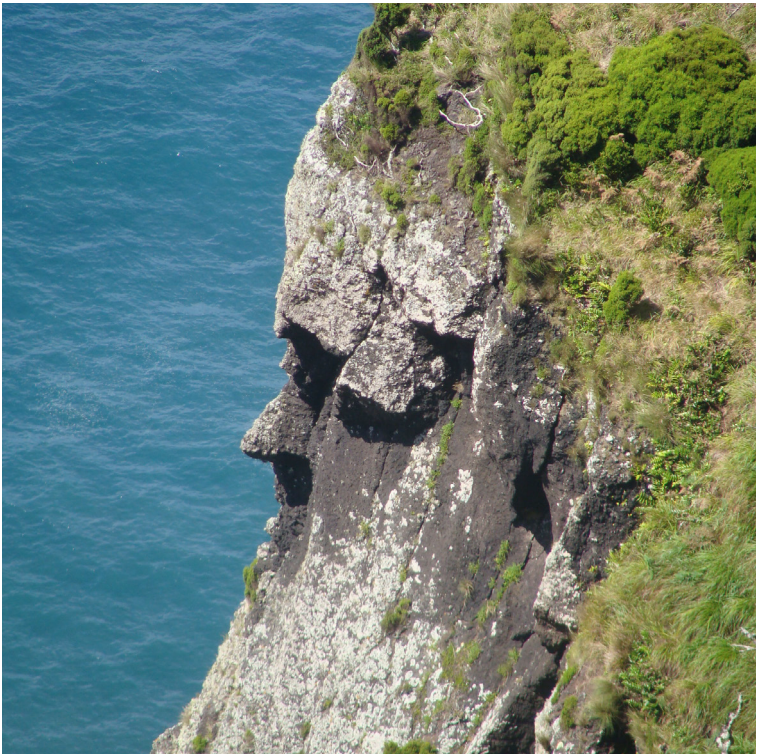
Desça a estrada cerca de 30 m e entre no *Caminho da Fonte Velha* (ou *Caminho da Central*), antiga via que ligava a vila às *Quintas e Terras Altas* na parte mais elevada da ilha, onde se mantinham alguns pomares, se criavam animais e onde estão edificados os *palheiros* que guardam as forragens e alfaias. Uns metros abaixo, chega à estrada para logo voltar ao caminho antigo, junto a uma placa de sinalização que indica onde termina este percurso: “*Praia 2 km*”. Passa por algumas pequenas hortas abandonadas, entra num troço de cimento e chega a um local com 3 possibilidades de continuação: desça pela *Ladeira do Maranhão* à sua direita, uma ladeira calcetada com um eixo central constituído por pedras de maiores dimensões próprias para suavizar o andamento de quem sobe ou desce. Irá agora serpentear pelas vielas estreitas da vila. Não esqueça de visitar o *Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo* que acumula as funções de *Delegação de ilha do Geoparque Açores*. Além da sua componente museológica encontra aqui um espaço expositivo onde, com recurso a uma maquete da ilha, poderá receber uma elucidativa explicação sobre o que de mais interessante e importante há a saber sobre a flora, fauna e paisagem humanizada desta ilha *Reserva da Biosfera*. Desça até ao *Largo do Outeiro*, aquele que era o centro social/religioso da vila, onde está a *Casa do Povo* e a *Casa do Espírito Santo* fundada em 1871, com a emblemática coroa na fachada e um campanário com sino no telhado. Siga para a direita e depois à esquerda descendo a *Rua da Matriz*. Chega à *igreja de Nossa Senhora dos Milagres* onde se venera a sua imagem, uma valiosa escultura flamenga do princípio do séc. XVI. Era hábito as pessoas de mais idade se reunirem junto desta igreja de 1795, que veio ocupar o lugar da primitiva ermida, para conversarem e conviverem.

Continue o seu périplo, tomando a liberdade de fazer um ou outro pequeno desvio para apreciar melhor o que o rodeia. Passa pelo *Largo das Forças Armadas* e chega à rotunda implantada junto à cabeceira da pista do aeródromo inaugurado a 28 de setembro de 1983, e da descida para o *Porto da Casa* construído nos anos 60 do século passado, atualmente o único que é utilizado na ilha para fins comerciais e de recreio. Tem

aqui um dos 3 estabelecimentos do tipo café/restaurante, que a ilha possui. Apesar de publicitados alguns pratos como típicos da ilha, será muito difícil prová-los. Poderá, no entanto, encontrar um bom peixe, no qual o mar em redor é fértil: abrótea, veja, mero, boca negra, cherne, goraz, rocaz, chicharro ou garoupa.

Continue seguindo para oeste, pelo lado sul da pista do aeródromo. Passa por outra enseada onde está o *Porto do Boqueirão*, onde também se arreavam barcos, e pela *Casa do Bote*, onde está instalado o *Posto de Turismo* e onde pode apreciar o bote baleeiro “Corvino” idêntico às demais embarcações açorianas do género, pois também aqui se caçavam baleias, e uma expressiva exposição fotográfica do Príncipe Alberto de Mónaco.

Siga pelo *Caminho dos Moinhos*, apreciando os típicos moinhos de vento da ilha do Corvo que animam a paisagem. Chegaram a ser sete em toda a ilha. Hoje restam estes três, classificados como *Imóveis de Interesse Público*. Um mantém-se vestido de pedra negra, enquanto outros dois, um pouco mais afastados, foram rebocados e caiados de branco. Distinguem-se de quaisquer outros dos Açores, aproximando-se daqueles que os mouros deixaram em Portugal continental. No seu interior



PRC1 COR *Cara do Índio*

um engenhoso mecanismo fazia rodar a cúpula para que as velas de pano acompanhassem os ventos. Com a construção do aeródromo desapareceram moinhos e boa parte das terras aráveis da vila onde se cultivavam os cereais, que alimentavam estes moinhos, as atafonas e o moinho do *Caldeirão*. A seguir ao último desses moinhos pode apreciar junto ao mar o antigo molhe do chamado *Porto Novo*, o porto marítimo que servia antigamente a ilha e onde se rebocavam as baleias que forneciam a gordura que transformada em óleo alimentava as candeias.

Depois de passar a última casa o caminho vira à esquerda, em direção ao mar, por entre as *terras da Praia*. Estes terrenos agrícolas já não dão trigo nem centeio, mas milho e bastantes abóboras. Junto ao mar vire à direita e siga pelo litoral onde a rocha negra se mistura com a típica vegetação de beira-mar, com destaque para o *Crithmum maritimum*, *Solidago sempervirens* e muita *Azorina vidalii*, espécie endémica muito comum nesta ilha, onde inclusive coloniza os telhados das casas. O percurso acaba na *Praia* ou *Portinho da Areia*, no extremo oeste da pista do aeroporto, o único areal da ilha e a sua principal zona de banhos.

A terminar este passeio aproveite para conhecer melhor a *Vila do Corvo*, o local habitado mais isolado do país. Se visitar a *Casa de Artesanato do Corvo* ficará a saber a história dos típicos *barretes de pompons* que resguardavam as cabeças daqueles que embarcavam nas baleeiras americanas rumo a um destino duro e de saudade. Aqui, para além dos típicos bonés e boinas em lã, sendo a cor mais tradicional o azul-escuro com uma faixa em branco, encontra ainda, bordados, rendas e miniaturas das típicas *fechaduras* do Corvo, provavelmente a mais emblemática peça de artesanato da ilha, totalmente feita em madeira de cedro-do-mato incluindo as próprias chaves.

